

VIVEIRISMO E VIVÊNCIAS EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

Coordenador: JORGE ALBERTO QUILLFELDT

Este projeto trabalha utilizando o viveirismo como uma ferramenta de desenvolvimento rural em um assentamento de reforma agrária na Região de São Jerônimo. Queremos abarcar diferentes âmbitos ao falarmos nesse desenvolvimento. Com o viveirismo, se pode atuar na recuperação ambiental, na produção de mudas com objetivo agrícola, tais como a produção de pomares comerciais, no aumento da qualidade de vida do assentamento através do plantio de diferentes tipos de árvores e plantas, e mesmo na capacitação dos agentes na prática do viveirismo. O assentamento de reforma agrária Herdeiros de Oziel Alves (oficialmente registrado no INCRA como Gênio Guedes da Silveira), localizado no município de São Jerônimo, é o local que tem concentrado as atividades do Grupo de Apoio à Reforma Agrária (GARRA), que existe desde 2005 e, a partir de 2007, passou a desenvolver Ações de Extensão da UFRGS. Este assentamento é recente (possui apenas cinco anos) e não apresenta as características de produção cooperativada que caracteriza a maior parte dos assentamentos de reforma agrária do Estado. Ele foi estruturado com a demarcação precisa de cada lote, de modo que as famílias não moram num ambiente coletivo, mas tem suas casas construídas cada uma em seus próprios domínios, devidamente demarcados e separados por cercas. O assentamento é dividido em 59 lotes. Cada um deles possui, em média, 13 hectares de área. A organização dos agricultores deste assentamento consiste na formação de núcleos internos. Os 59 lotes agrupam-se em sete núcleos, com os critérios de localização espacial e também de afinidade entre as famílias. Cada núcleo conta com um coordenador, que irá representar o interesse dos integrantes do seu núcleo nas Reuniões de Coordenação. Estas reuniões ocorrem aos sábados na sede do assentamento. Não é incomum porém, as reuniões não serem realizadas por falta de participantes, o que sugere uma coesão menor ou mais fraca, entre os agricultores, se compararmos à coesão que pode ser vista em outros assentamentos. As famílias que lá residem, já que não estão organizadas coletivamente para a produção agrícola, buscam desenvolver atividades de subsistência como o cultivo de hortas (que geralmente produzem pouco ou nenhum excedente) e a criação de animais em pequena escala, com destaque para os suínos e as aves (galinha, ganso, etc). Quase todas as famílias, por exemplo, possuem um porco ou mais, tendo em vista o consumo da casa, mas sem gerar excedentes que possibilitem a comercialização da carne. Algumas

famílias possuem também gado, mas em quantidade sempre pequena, e seu aproveitamento costuma ser para o consumo de carne da casa e para a produção de leite em pequena escala. Atualmente, apenas um número reduzido de famílias do assentamento consegue comercializar excedentes de leite bovino. Limitadas pela falta de recursos financeiros e pela dificuldade de acesso a financiamentos, as famílias encontram-se em numa situação econômica que pode ser descrita como precária, em boa parte dos casos. Embora alguns assentados, por razões diversas, consigam desenvolver diferentes produções, como pequenas plantações de arroz, mandioca e melancia e, até mesmo, a piscicultura, a maioria das famílias tem dificuldades de encontrar alternativas de renda. A demanda do assentamento por mudas vegetais surgiu em reuniões entre os assentados e os integrantes do GARRA, e foi motivada também em função de obrigações legais referentes a criação e manutenção de Áreas de Preservação Permanente (APP), que iriam proteger as margens dos açudes do assentamento através do plantio de espécies nativas nestas áreas. Tal demanda gerou este projeto que conta com dois bolsistas. A perspectiva do viveirismo para a preservação das APPs se modificou, em 2009, em função de dois fatores fundamentais: por um lado a FEPAM, órgão fiscalizador das questões de reserva legal e APPs, flexibilizou sua postura frente ao assentamento, colocando que as áreas de APP podem ser utilizadas com finalidade produtiva, desde que não sejam atividades de potencial degradador do ambiente. As áreas não precisarão ser cercadas e podem ser utilizadas para, por exemplo, o cultivo de pastagem. Por outro lado, as demandas urgentes dos agricultores assentados dizem respeito à sua digna subsistência, à sua qualidade de vida e à necessidade de encontrar alternativas de renda. Outro fator norteador das atividades de viveirismo do GARRA em 2010 no assentamento é a grande escassez de espécies arbóreas, sejam frutíferas ou não. Isto ocorre porque, historicamente, a área se destinava a plantações de arroz e à pecuária, de modo que quase não havia diversidade arbórea no local quando da chegada dos assentados, cinco anos atrás. A ação aqui descrita encontra relevância também por instalar-se no complexo tema do tratamento que recebem os movimentos sociais do campo na grande mídia, e por conseqüência da opinião pública geral que se instaura. Organizações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por exemplo, têm uma imagem desgastada e mesmo negativa com boa parte da população. Tanto nas capitais quanto nas cidades menores, os veículos de comunicação por vezes tratam esses movimentos numa esfera de criminalidade e violência, com um discurso que acaba por denegrir a dignidade dos agricultores militantes. Por vezes esses veículos de comunicação ausentam-se de trazer foco nas causas de luta ou nas reivindicações, preferindo, as vezes, ver a organização popular como um caso de polícia.

Escolhendo como base territorial um assentamento de reforma agrária e trabalhando com agricultores que conquistaram suas terras através da luta dentro do MST, este projeto acaba por oportunizar aos estudantes uma visão mais integral da realidade do campo, possibilitando uma reflexão mais ampla. Cada saída ao assentamento, sempre com a presença de diferentes estudantes, oriundos de vários cursos, possibilita uma vivência importante para os presentes, de passar um dia num assentamento de reforma agrária em contato direto com famílias de agricultores. Por isso, nossa Ação de Extensão em 2010 tem foco tanto no viveirismo quanto nas vivências. Vemos como bastante relevante colocar os jovens diretamente em contato com a questão da reforma agrária, conhecendo agricultores, locais, observando as produções e as diversas facetas desse extrato social. É uma oportunidade rara, para a maioria das pessoas, de contrapor as descrições encontradas na grande mídia (que já caracterizamos nesse texto) com uma experiência pessoal real. É gratificante ver os estudantes se surpreenderem com o perfil sensível e trabalhador que caracteriza as famílias dos agricultores e que nem de longe faz lembrar a hostil abordagem da mídia dominante.